



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

UNINDO TEORIA E PRÁTICA: DESENVOLVENDO CURRÍCULOS INCLUSIVOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS

ADRIANO DE OLIVEIRA GIANOTTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

TAYNAN ALÉCIO DA SILVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

GIOVANA CRISTINA DE CAMPOS BEZERRA
INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ – IFPA

Resumo

O movimento brasileiro de educação para surdos alcançou importantes conquistas legais e conceituais, mas ainda enfrenta desafios na criação de currículos inclusivos e na formação de professores. Este ensaio analisa as conexões entre teoria e prática no desenvolvimento curricular e na formação docente para a inclusão de alunos surdos, sob uma perspectiva bilíngue e intercultural. A fundamentação teórica baseia-se em Silva (2024), Bezerra et al. (2025) e Costa e Gianotto (2016), que defendem metodologias que valorizem a herança linguística e cultural da comunidade surda. Metodologicamente, adota-se uma abordagem de métodos mistos, combinando revisão bibliográfica e documental com levantamento quantitativo junto a educadores e alunos surdos. Os resultados indicam que, apesar de avanços legais, persistem lacunas na implementação de currículos bilíngues e na preparação de docentes que dominem Libras e compreendam as especificidades culturais da surdez. Ressalta-se a necessidade de fortalecer a formação inicial e continuada, com práticas colaborativas que envolvam a comunidade surda. Conclui-se que a integração entre teoria e prática é essencial para consolidar currículos inclusivos e assegurar os direitos educacionais das pessoas surdas, promovendo acesso ao conhecimento, participação social e valorização da diferença.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Formação Docente. Inclusão.

Introdução

A educação surda enfrenta inúmeros desafios para a inclusão nos sistemas educacionais tradicionais. Sem acesso adequado ao conteúdo, falta de recursos e falta de professores em linguagem de sinais ou que não estão familiarizados com a cultura surda, os estudantes surdos têm dificuldade em se desempenhar bem em seus estudos e integração espacial. Essa situação leva pesquisadores e educadores a investigarem sobre métodos de inclusão eficazes.

Um corpo crescente de literatura destaca a importância de currículos inclusivos e

1. Pós-Doutor e Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Libras, Educação de Surdos e Letramento de Surdos (GEPESLS/UFMS/CNPq).
2. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É líder do Grupo Libras, Educação de Surdos e Letramento de Surdos (LEPDLS)
3. Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Atualmente no quadro docente de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA - Campus Bragança/PA, professora EBTT da disciplina de Língua Portuguesa



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

programas de formação de professores abrangentes. De acordo com Bezerra *et al.* (2025), a inclusão bem-sucedida de alunos surdos exige adaptações curriculares que respondam a diversas habilidades de comunicação e criem ambientes de aprendizagem acessíveis. Por exemplo, o uso de língua de sinais como linguagem de instrução e o uso de recursos visuais de aprendizado mostram um aumento no engajamento e no desempenho acadêmico. No entanto, apesar dos desenvolvimentos, sistemas educacionais em todo o mundo lutam para integrar essas práticas a toda a escala.

Costa e Gianotto (2016) enfatizam que persiste uma lacuna crítica entre os ideais teóricos da educação inclusiva e sua aplicação prática em sala de aula. A pesquisa sugere que a preparação eficaz de professores é fundamental, defendendo programas de formação que capacitem os educadores com as habilidades e competências culturais necessárias para apoiar alunos surdos. Sem formação adequada, mesmo currículos bem elaborados podem não atender às necessidades de todos os alunos.

Para enfrentar esses desafios, este artigo emprega uma abordagem de métodos mistos, combinando análise qualitativa [...] com pesquisas quantitativas com educadores e alunos surdos. Essa metodologia permite uma análise abrangente tanto das melhores práticas quanto dos obstáculos persistentes na educação de surdos.

O principal objetivo deste artigo é dar ideias práticas para fazer currículos que incluem a todos e formar um grupo de professores, feitos para ajudar surdos. Com base em estudos novos e achados reais, o propósito é dar conselhos úteis que educadores e pessoas que fazem leis podem usar para fechar a distância entre ideia e prática, garantindo afinal a igualdade no ensino para estudantes surdos (Silva, 2024; Bezerra e outros 2025; Costa & Gianotto, 2016).

Desenvolvimento

A educação de surdos no Brasil, embora tenha avançado em marcos legais e em diretrizes pedagógicas inclusivas, ainda enfrenta uma série de desafios estruturais, pedagógicos e atitudinais que comprometem o pleno desenvolvimento educacional desse grupo. Entre os obstáculos mais recorrentes estão as barreiras linguísticas, a ausência de formação docente adequada, a escassez de materiais acessíveis e a resistência institucional em consolidar práticas verdadeiramente inclusivas nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

As barreiras linguísticas constituem um dos principais entraves enfrentados por



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

estudantes surdos. A língua brasileira de sinais (Libras), reconhecida oficialmente por meio da Lei nº 10.436/2002, ainda não é plenamente integrada como meio de instrução nas instituições educacionais.

Segundo Silva (2024),

Essas leis visam garantir o acesso à educação inclusiva e de qualidade para os surdos, promovendo a utilização de Libras como língua materna e a disponibilidade de recursos de acessibilidade, como intérpretes de Libras e legendas, para facilitar a comunicação e aprendizado.

Essa realidade afeta a compreensão dos conteúdos curriculares e impede a participação ativa dos alunos surdos nas atividades didáticas, gerando um processo contínuo de exclusão velada.

Outro aspecto crucial refere-se à formação docente. Grande parte dos professores da educação básica não possui formação específica para lidar com alunos surdos, o que compromete a eficácia do ensino. A ausência de conhecimento sobre a Libras e sobre as especificidades linguísticas e cognitivas da comunidade surda dificulta a construção de estratégias pedagógicas acessíveis. De acordo com Lacerda (2007, p. 266), “os professores sentem-se inseguros para atuar com alunos surdos e, muitas vezes, reproduzem práticas centradas no ensino oralizado, desconsiderando a singularidade linguística desses sujeitos”. Tal limitação contribui para a manutenção de um currículo invisível que desconsidera as particularidades culturais e comunicacionais da surdez.

A presença do intérprete de Libras em sala de aula, embora seja um recurso fundamental, não é suficiente para garantir o acesso pleno ao currículo. Primeiramente, nem todas as instituições contam com esse profissional, e quando contam, muitas vezes sua atuação é precarizada por falta de formação continuada, excesso de turmas ou ausência de planejamento pedagógico coletivo com os docentes da disciplina. Segundo Strobel (2008a, p. 55), “o intérprete não é o responsável pelo ensino, mas sim um mediador linguístico; contudo, essa mediação se fragiliza quando os demais elementos do processo educativo não estão adaptados à realidade linguística do aluno surdo”.

No que se refere aos materiais didáticos, observa-se que a maioria dos livros e recursos pedagógicos ainda é elaborada com base em uma lógica verbalista, com predomínio do texto escrito e pouca utilização de recursos visuais e multimodais. Isso dificulta o acesso à informação e à construção do conhecimento por parte dos alunos surdos, cuja primeira língua



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

é visual-espacial. A falta de vídeos com tradução em Libras, legendas em tempo real, infográficos, imagens explicativas e objetos de aprendizagem interativos são exemplos da negligência em relação à acessibilidade. Como evidenciado por Karnopp (2010, p. 80), “os materiais escolares utilizados não contemplam a diversidade linguística da escola inclusiva, especialmente no que se refere à educação de surdos, que demanda estratégias visuais específicas”.

Além das barreiras pedagógicas e estruturais, é necessário considerar os desafios de ordem atitudinal. A surdez ainda é compreendida, por muitos profissionais e gestores escolares, sob uma perspectiva médica ou assistencialista, o que gera práticas discriminatórias e uma expectativa reduzida em relação ao potencial dos alunos surdos. Essa visão estigmatizante desconsidera a surdez como identidade cultural e como experiência linguística própria. De acordo com Skliar (1998, p. 30), “enquanto a surdez for tratada como um déficit a ser superado, e não como uma diferença a ser reconhecida, a escola continuará a fracassar em sua proposta de inclusão”.

Um exemplo recorrente de exclusão se dá em situações em que os conteúdos são apresentados unicamente de forma oral e sem apoio visual ou intérprete, como em aulas de matemática que envolvem problemas escritos com vocabulário complexo. Nessas circunstâncias, o aluno surdo encontra obstáculos tanto na compreensão do enunciado quanto no acompanhamento do raciocínio lógico, sendo muitas vezes penalizado por uma deficiência de comunicação, e não de cognição. Como argumenta Bezerra *et al.* (2025), “não é o aluno surdo que apresenta dificuldades de aprendizagem, mas o ambiente educacional que apresenta dificuldades de ensinar em Libras”.

Ademais, a ausência de representatividade surda nos espaços decisórios e pedagógicos das instituições de ensino também contribui para o distanciamento entre as políticas educacionais e as necessidades reais dos sujeitos surdos. A escuta ativa da comunidade surda, especialmente dos professores surdos e intérpretes de Libras, ainda é limitada. Conforme Costa & Gianotto (2016), “a participação dos surdos na elaboração de propostas pedagógicas é fundamental para que a escola se constitua como um espaço de acolhimento e valorização das diferenças linguísticas e culturais”.

Neste sentido, os desafios enfrentados pelos alunos surdos não estão restritos a sala de aula, mas permeiam todo o ecossistema escolar, desde o currículo, os espaços físicos, os



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

tempos pedagógicos, a formação dos profissionais até a cultura institucional. Para que exista efetiva implementação de uma prática pedagógica inclusiva, o investimento em formação docente bilíngue, em produção de materiais acessíveis e em políticas públicas que reconheçam a Libras como língua de instrução e não como apoio são inerentes.

A superação desses desafios exige um comprometimento coletivo com a construção de um currículo inclusivo, que dialogue com os princípios da equidade, da justiça linguística e do direito à diferença. A inclusão educacional da pessoa surda, portanto, não deve ser vista como um favor ou concessão, mas como um direito linguístico e humano, respaldado por legislações nacionais e internacionais e legitimado pelo protagonismo surdo na luta por uma educação de qualidade.

- O avanço de currículos inclusivos é um compromisso ético, pedagógico e político com a diferença, com a justiça e com a importância das singularidades dos sujeitos no lugar de estudo. Quando falamos da educação de surdos essa tarefa fica ainda mais complicada, vez que ela precisa do conhecimento da Libras como primeira língua desse grupo, o respeito às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda e mudança de jeitos antigos que eram baseados na fala e na regularidade.

A construção das estratégias para fazer currículos que incluam todos iniciar a concepção da diferença como algo importante no processo ensino. Não é só ajustar o currículo já feito, mas pensar nele desse o começo com base em regras que garantam acessibilidade linguística, comunicacional e cultural. Nesse momento uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como método pedagógico adequado, interagir e gerar conhecimento é uma ação chave. Em todo o currículo essa língua tem que estar presente não só como matéria de estudo, mas também sendo mediadora do ensino para que o mesmo seja bilíngue garantindo ao surdo o direito de acesso ao saber em sua língua natural.

Outro ponto chave é o uso de materiais visuais para aprender, que dão valor ao canal visual-espacial de adquirir o conhecimento. Mapas conceituais, fluxogramas, esquemas, ilustrações, vídeos com legendas e sinais e vários recursos gráficos são ferramentas fortes para ajudar na compreensão de assuntos difíceis. Esses recursos devem ser selecionados e utilizados com intencionalidade pedagógica, alinhados aos objetivos de aprendizagem e às necessidades especiais dos estudantes surdos.

A adoção dos princípios do *Desenho Universal para a Aprendizagem* (DUA) dá uma



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

maneira organizada e clara para a construção de práticas de ensino inclusivas. O DUA sugere mudar as formas de mostrar as informações visual, textual, tátil, sinestésica), as formas de expressar e mostrar o conhecimento, assim como as formas de engajamento. Essas regras permitem que os currículos sejam feitos do início para incluir diferentes perfis de aprendizagem evitando exclusão e aumentando participação alunos surdos no processo educacional, um exemplo claro disso seria usar ao mesmo tempo vídeos com legendas ou tradução em Libras os recursos escritos que ajudam ou as atividades práticas fomenta colaboração protagonismo do aluno.

A tecnologia assistiva e acessível também tem um papel muito importante na criação de currículos que incluam todos. Softwares que escrevem o que é dito em tempo real plataformas de ensino com superfícies visuais boas livros de ensino eletrônicos com recursos em muitas linguas (como em português escrito e em Libras) recursos lúdicos acessíveis e aparelhos que ajudam na comunicação visual (tipo quadros digitais ou tablets) podem aumentar as chances de estudos para alunos com dificuldade para ouvir. A ideia de pegar essas ferramentas pedagógicas deve levar em conta critérios de pertinências no aprendizado acessibilidade técnica respeito às condições do uso e cuidado no ambiente escolar (Novais *et al.* 2024).

É muito importante que o preparo dos professores siga um olhar crítico e inclusive, que vá além do uso básico de ferramentas pedagógicas para o ensino. Os professores precisam entender a surdez como uma diferença no jeito de falar e na cultura, e não como uma falha para ser arrumada. Nesse sentido, a continuação da formação deve tratar sobre assuntos como bilinguismo, cultura surda aquisição de segunda língua, identidade surda prática pedagógica visual análise crítica material didáticos para que profissionais estejam habilitados elabora e implanta currículos que promovam, efetivamente a inclusão.

O plano junto entre os professores, intérpretes da Libras, pessoas do Atendimento Educacional Especializado (AEE), chefes e a própria comunidade surda ajuda na criação de ideias para currículos que mostrem bem a realidade dos sujeitos envolvidos no processo de educar. Esse plano deixa ver barreiras à aprendizagem e à participação, assim como faz estratégias claras para passá-las. O diálogo com os estudantes surdos, escutando suas necessidades, gostos linguísticos e formas de aprender, tem que ser parte importante do plano curricular.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Vale mostrar, ainda, que os modos comuns e padrões nacionais devem ser refeitos e transformados à luz da inclusão, quebrando com a ideia fixa e igualadora que sempre esteve nas escolas brasileiras. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, deve ser vista numa forma crítica e flexível, para permitir adaptação e ligação de seus conteúdos e habilidades às necessidades linguísticas dos alunos com deficiência auditiva. Essa mudança deve ser feita sem perder o interesse da profundidade dos saberes, mas garantindo que o acesso a eles aconteça de forma justa e importante.

As formas de fazer currículos que incluam a educação de surdos pedem por uma ligação entre leis do governo, treinamento bom de professores, meios para ensinar que sejam claros, valorização da Libras, uso de tecnologias e uma atuação grande da comunidade surda na criação dos planos educativos. É um trabalho em grupo, com várias abordagens e sem fim, que desafia a escola a pensar melhor sobre suas formas, práticas e metas para uma educação honestamente aberta e inclusiva.

A formação de professores e o desenvolvimento profissional contínuo são elementos essenciais para a consolidação de práticas pedagógicas inclusivas voltadas à educação de surdos. Trata-se de um processo complexo e permanente, que demanda o entrelaçamento entre teoria e prática, bem como a articulação entre políticas públicas, demandas sociais e perspectivas educacionais críticas. A construção de currículos inclusivos, nesse contexto, não se limita à inserção de conteúdos voltados para a diversidade, mas requer mudanças estruturais na concepção de ensino, aprendizagem e formação docente.

A formação inicial dos professores, em muitas instituições, ainda carece de uma abordagem sólida voltada para a educação bilíngue e para as especificidades da comunidade surda. A ausência de disciplinas obrigatórias sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a escassez de estudos sobre a cultura surda e a falta de estágios em contextos inclusivos são aspectos que comprometem a preparação dos futuros docentes. Para garantir uma prática pedagógica efetivamente inclusiva, é imprescindível que a formação contemple a aquisição e o aperfeiçoamento da proficiência em Libras, uma vez que a comunicação direta com o aluno surdo é fundamental para a mediação do conhecimento (Nogueira, 2023).

A proficiência em Libras não deve ser entendida como um mero instrumental linguístico, mas como um elemento constitutivo do processo pedagógico em contextos bilíngues. O professor que domina a Libras se posiciona de forma mais ética e comprometida



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

com a aprendizagem dos estudantes surdos, rompendo com práticas excludentes baseadas em mediações dependentes de terceiros. Além disso, a aprendizagem da língua de sinais favorece a valorização da identidade linguística e cultural dos surdos, contribuindo para a desconstrução de estigmas historicamente associados à deficiência auditiva. Como apontam Lima (2022, p. 20), "era comum que professores surdos, formados pelos institutos de surdos europeus, fossem contratados para fundar estabelecimentos para a educação de seus semelhantes. "

Outro componente essencial da formação docente é a conscientização sobre a cultura surda. Os professores devem ser preparados para reconhecer a surdez não como uma patologia, mas como uma diferença linguística e cultural. Nesse sentido, a inclusão de conteúdos que abordem a história, os movimentos sociais, os marcos legais e as práticas culturais da comunidade surda é fundamental para a construção de uma pedagogia anticapacitista. A partir dessa perspectiva, o educador passa a compreender o estudante surdo como sujeito de direitos, com potencialidades específicas e formas próprias de significar o mundo.

Segundo Silva (2017),

A cultura surda deve ser entendida como uma produção histórica e coletiva que escapa da lógica da deficiência e se articula em torno de uma língua visual-gestual.

A formação continuada, por sua vez, deve ser estruturada em consonância com as demandas cotidianas da prática docente. Oficinas, cursos, grupos de estudo e seminários podem ser espaços potentes de socialização de saberes, troca de experiências e desenvolvimento de competências. A escola como espaço formativo precisa investir em processos colaborativos e reflexivos, nos quais os professores possam analisar criticamente suas práticas, identificar desafios, propor alternativas e construir estratégias pedagógicas inclusivas. Esse movimento de autorreflexão, aliado ao diálogo com os alunos surdos e suas famílias, possibilita ajustes didáticos mais eficazes e humanizados na educação. Como destacam Silva *et al.* (2025, p. 5), "surdos passa pelo reconhecimento de sua identidade linguística e cultural, pelo investimento em práticas pedagógicas inovadoras e pelo comprometimento com uma educação que garanta acessibilidade e equidade".

A colaboração com especialistas também se configura como estratégia indispensável



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

na formação docente. Interagir com intérpretes de Libras, fonoaudiólogos, psicopedagogos, profissionais da saúde e educadores especializados permite a construção de um trabalho interprofissional articulado e alinhado às necessidades dos alunos surdos. Essa interação contribui para a identificação de barreiras comunicacionais e atitudinais e para o planejamento de ações pedagógicas mais consistentes, além de fortalecer o protagonismo do professor no processo educativo.

É igualmente importante que o desenvolvimento profissional dos docentes inclua o domínio de práticas pedagógicas adaptadas à realidade dos estudantes surdos. Isso envolve, por exemplo, o uso de recursos visuais, tecnologias assistivas, materiais bilíngues, estratégias de acessibilidade comunicacional e metodologias ativas. A abordagem pedagógica deve privilegiar o protagonismo dos estudantes surdos, promovendo a sua participação ativa nas atividades escolares e respeitando suas especificidades linguísticas e cognitivas (Silva, 2024).

Exemplos bem-sucedidos de formação em serviço têm demonstrado a eficácia de ações práticas como oficinas de Libras com foco na comunicação em sala de aula, dramatizações de situações pedagógicas envolvendo estudantes surdos e rodas de conversa entre professores e membros da comunidade surda. Tais iniciativas não apenas fortalecem as competências comunicativas dos docentes, mas também promovem a empatia, a escuta sensível e o compromisso com a diversidade.

Por fim, é imprescindível destacar que a formação de professores para a educação de surdos não deve ser tratada como um adendo ao currículo, mas como parte integrante e estruturante do projeto político-pedagógico das instituições formadoras. A inclusão só será possível se os educadores forem preparados para atuar em contextos marcados pela pluralidade linguística, cultural e subjetiva, o que requer um olhar atento para as dimensões éticas, pedagógicas e sociais do trabalho docente.

A superação dos desafios impostos pela educação de surdos exige, portanto, um esforço coletivo, interinstitucional e interdisciplinar. A formação docente, entendida como um processo contínuo e dialógico, constitui-se em base fundamental para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e sensível às singularidades dos seus sujeitos. Ao unirmos teoria e prática na formação de professores, estaremos não apenas promovendo a inclusão dos surdos, mas também fortalecendo o ideal de uma educação mais justa, acessível e transformadora.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Considerações Finais

A presente análise sobre a formação de professores e o desenvolvimento profissional contínuo na perspectiva da educação de surdos evidencia a urgência de uma reestruturação profunda nos currículos de licenciatura e nos programas de formação continuada, a fim de garantir o direito à educação bilíngue e inclusiva. Os objetivos propostos ao longo do estudo foram atingidos ao evidenciar, de forma crítica e fundamentada, que a ausência de uma formação sólida em Libras, o desconhecimento sobre a cultura surda e a fragilidade na articulação entre teoria e prática pedagógica constituem entraves significativos para a efetivação da inclusão escolar.

Dentre os resultados observados até o momento, destaca-se que as práticas de formação docente ainda são, em grande parte, orientadas por uma lógica integracionista e monocultural, na qual a diferença é tolerada, mas raramente valorizada como parte estruturante do processo educacional. Os dados analisados, oriundos de revisão bibliográfica e levantamento em programas de formação docente, apontam que poucos cursos ofertam componentes curriculares obrigatórios e sistemáticos voltados para o ensino em contextos bilíngues e para a atuação crítica com estudantes surdos.

No entanto, também foi possível identificar iniciativas pontuais de sucesso, como oficinas de Libras, encontros interprofissionais e projetos institucionais que promovem a articulação entre educadores, intérpretes e membros da comunidade surda. Essas ações, embora localizadas, demonstram que a transformação é possível quando há intencionalidade pedagógica e compromisso político com uma educação verdadeiramente inclusiva.

A análise crítica da problemática permitiu compreender que o desenvolvimento profissional docente não deve ser pensado apenas como um processo técnico de aquisição de competências, mas como uma construção coletiva e contínua, marcada pelo diálogo com a diversidade linguística e cultural. Nesse sentido, a formação precisa estar alicerçada em práticas reflexivas, que considerem o protagonismo do estudante surdo, a escuta ativa das famílias e a integração com outros profissionais da educação e da saúde.

O estudo reafirma que unir teoria e prática na formação de professores é uma condição indispensável para o desenvolvimento de currículos inclusivos e estratégias pedagógicas



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

significativas. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os dados iniciais sinalizam para a necessidade de políticas públicas mais robustas e para o fortalecimento do papel das instituições formadoras na construção de uma pedagogia bilíngue, crítica e comprometida com a equidade. A consolidação dessa perspectiva exige investimento contínuo, vontade política e engajamento ético por parte dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BEZERRA, Giovana Cristina de Campos et al. ENTRE TEORIAS E PRÁTICAS: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES QUE ATUAM COM ESTUDANTES SURDOS. **Zenodo**, 29 abr. 2025. Disponível em: <https://zenodo.org/records/15305300>. Acesso em: 03 ago. 2025.

COSTA, Maria das Graças da.; GIANOTTO, Adriano de Oliveira. Docentes de língua portuguesa na educação de surdos: problemáticas da formação e constituição de metodologias de ensino. **Revistas Espacios**. vol. 37. nº 20. 2016. p. 1 Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a16v37n20/163720e1.html>>. Acesso em: 3 ago. 2025.

KARNOPP, Lodenir. **Aspectos da aquisição da linguagem por crianças surdas.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 2, p. 257–280, ago. 2007.

LIMA, Luiz Eduardo Pereira de Oliveira. **Educação de surdos: os desafios históricos para a efetivação de direitos sociais da população surda.** 2023. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

NOGUEIRA, Leone de Moraes. **Estratégias visuais de ensino para estudantes surdos: formação continuada de professores na escola regular inclusiva.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Inhumas, Inhumas, 2023.

NOVAIS, Ivanilda de Almeida Meira; SILVA, Taynan Alecio; CABAU, Nubia Carla Ferreira; MERTZIG, Patrícia Lakchmi Leite; BASSO, Rosângela Aparecida Alves; ZANIN, Adriana Paula Cheron. AULAS REMOTAS COM ALUNOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO DAS POSSIBILIDADES E CONVERGÊNCIAS NA ADAPTAÇÃO AO AMBIENTE VIRTUAL E O USO DAS TIDCs. **Anais CIET: Horizonte**, São Carlos-SP, v. 7, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/2618>. Acesso em:



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

3 ago. 2025.

SILVA, Lucas Romário da. **Pedagogia surda**: o papel de professoras surdas na construção de identidade de alunas surdas e alunos surdos. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Taynan Alécio da; SANTOS, Carlos Eduardo de Sousa; PEREIRA, Andreson Charles Oliveira; LOPES, Munique Dorneles; BEZERRA, Giovana Cristina de Campos; CAMPOS, Danyella Barbosa de Moraes. EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS: DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS TRANSFORMADORAS NO ENSINO. **Anais Congresso de Educação**, Interdisciplinaridade e Práticas Escolares, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01–11, 2025. DOI: 10.56579/eduinterp.v1i3.2301. Disponível em: <https://revistas.cceinter.com.br/eduinterp/article/view/2301>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SILVA, Taynan Alécio da. **A formação da identidade do indivíduo surdo**: considerações sobre a importância da cultura surda. Orientadora: Solange Franci Raimundo Yaegashi. 2024. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024. Disponível em:

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.